

Secretário acha que não faltarão alunos

- 7 FEV 1987

ESTADO DE SÃO PAULO

Por entender que ainda faltam dez dias para o início das aulas e que as escolas da rede pública deverão receber matrículas até a primeira semana do ano letivo, o secretário da Educação, José Aristodemo Pinotti, considerou "precoce" a avaliação de que faltam alunos nas escolas estaduais, segundo disse anteontem a diretora da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), Sônia Regina Sampaio.

A diretora baseou sua afirmação no fato de que estabelecimentos de ensino vêm fechando várias turmas por falta de alunos, não só na Capital como no Interior. Este problema já fora previsto, em dezembro, pelo presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo (Sieesp), José Aurélio Camargo, que atribuiu o esvaziamento das escolas públicas ao baixo nível de ensino oferecido.

Ontem à tarde, o presidente do Sieesp ironizou o apelo feito pelo secretário da Educação, através de uma emissora de televisão, para que as mães matriculem com urgência seus filhos na escola da rede pública: "Não foi um apelo, mas uma apelação". E reiterou sua tese de que os estabelecimentos particulares vêm recebendo estudantes da rede pública por causa "do diferencial que existe entre o que a família pretende para as crianças e o que a escola pública oferece". Ele afirmou ainda que as vagas dos estabelecimentos privados de ensino na Capital estão praticamente esgotadas e que, em Campinas, há 2,5 mil crianças à espera de vagas para a 1ª série do 1º Grau.

O secretário rebateu as críticas feitas por Aurélio Camargo, dizendo que não houve piora na qualidade de ensino, "mesmo porque nunca se reciclou tantos professores da rede como agora". E ressaltou que, no ano

passado, foram concedidos mais de 900 cursos para professores em convênio com as universidades paulistas.

Pinotti reconhece que há uma evasão de 70% dos alunos do 1º Grau nas escolas públicas, mas salienta que estes estudantes não vão para a rede privada. Antes, ficam sem escola devido à situação de pobreza em que vivem. Por isso, ressaltou a importância da "readaptação do modelo de escola atual para atender os problemas gerados pela conjuntura econômica do País".

Sobre isso, ele lembrou a criação do Programa de Formação Integral da Criança (Profic) feita em sua gestão, que atendeu a 220 mil alunos em 86 e deverá beneficiar entre 500 a 600 mil estudantes este ano. "Dando uma assistência integral à criança, atacamos as causas mais profundas da miséria e evitamos a evasão das escolas." Ele acredita que a extensão do Profic beneficiará também os professores, na medida que terão mais locais de trabalho e não precisarão se locomover de uma escola para outra a fim de preencher seus horários vagos.

Em três escolas estaduais visitadas ontem pela reportagem de O Estado havia vagas disponíveis em várias séries. Na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Frei Paulo Luig, no Pari, somente estavam esgotadas as matrículas para as 3ª e 7ª séries. A diretora Raquel Bettol atribui o fator à evasão de alunos para os cursos supletivos. Já nas escolas estaduais Orestes Guimarães, no Canindé, e Conselheiro Antônio Prado, na Barra Funda, as vagas disponíveis concentravam-se no curso de 2º Grau. Na avaliação da secretária Marília Freire, do Orestes Guimarães, o problema consiste na falta de recursos dos alunos para arcar com as despesas de material escolar.